

SERMAO QUE O PADRE DIOGO DE AREDA DA

Companhia de Iesu, fez na Igreja de san-
cta Iusta na cidade de Lisboa, estando
o Sanctissimo Sacramento em pu-
blico, pello caso que socedeo na
igreja de sancta Engracia
da mesma cidade.



Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa por Pedro Craesbeeck,
Impressor del Rey 1630.

SERMA
O V E O P A D R E
D I O G O D E A R E D I A

Companha de Jesus
de S. Paulo de S. Paulo
de S. Paulo de S. Paulo
de S. Paulo de S. Paulo
de S. Paulo de S. Paulo
de S. Paulo de S. Paulo

Com todos os honras e honras

Em Lisboa por Pedro Outeiro,
Imprimeiro do Rey.

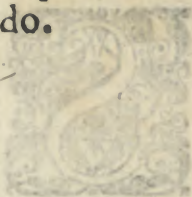
AO ILLVSTRISSI-
MO SENHOR DOM
GREGORIO DE CASTEL-
branco Conde de Villanoua, senhor
de Goes, & da casa de Sortelha,
Guarda mór de sua Ma-
gestade.

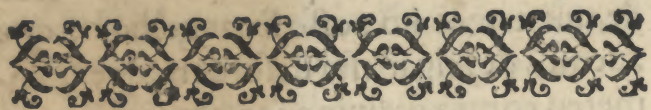


Abida he nesta cidade & Reyno a desgra-
ça, que aconteceu em faltar o sanctissimo
Sacramento na igreja parochial de sancta
Engracia, & como no gouerno deste Rey-
no se assentou, que se fizese publica demo-
stração, assim do sentimento, que o caso me-
recia, como da veneração deuida ao Sanctissimo Sacramen-
to em todos os mosteiros, & igrejas se puzerão em hũa san-
cta competencia, em testemunho da muita vontade, & do
muito animo com que pretendião refazer com scruiços a a-
fronta que se tinha feito a este diuino Sacramento: entre
as igrejas que mais se asinalarão foy a igreja de sancta Iu-
sta, porque excedeo no gasto, & aparato de maneira, que
sempre ficará em memoria; nesta solennidade pregou o Pa-
dre Diogo de Areda da Companhia de Iesu, depois de ter
feito outras vezes em diferentes igrejas, & porque a pri-
meira pregação que fez sobre esta materia anda impressa,
me pareceo imprimir esta, que foy a derradeira, que fez ne-
sta occasião, & de ambas se pode entender o estillo que le-
uou nas outras, offerecoa a V. S. porque tendo ouuido a pri-
meira, & algũas outras, & mostrando particular sentimen-
to de não ter ouuido esta, fiz tudo o que me foy possivel pel-

la auer, & dar este goſto a V. S. principalmente sabendo a particular amizade que V. S. iem com o Padre Diogo de Areda, & a muita conſiança que elle teue com os ſenhores Cordes de Villa noua, que Deos tem: & todo eſte trabalho ſe deuia a muita Chriſtandade, & exemplo com que V. S. ſe ouue em todo o tempo em que eſta cidade foys ſatisfazer do com publicos effeitos a obrigação que neſta caſa lhe corria. Deos guarde a V. S. por largos annos. Lisboa 20. de Mayo 1630.

Belchior Henrique
de Macedo.





*Caro mea verè est cibus, & sanguis
meus verè est potus, qui manducat
meam carnem, & bibit meum san-
guinem in me manet, & ego in illo.*
Ioann. cap. 6.



OM este Euangelho proua a I-
greja Catholica, que debaixo das
especies sacramentaes que temos
presentes está Christo Señor nos-
so em realidade, assim & da maneira q̄ está
em o Ceo, triumphante & glorioso. Suppo-
sta esta verdade, & fallando do sacrilegio q̄
se cometeo contra este diuino Sacramento
nesta cidade tres consequencias se inferem.
A primeira he, que auemos de julgar esta
desordem por suprema maldade. A segun-
da, que auemos de tomar esta desgraça cõ
supremo sentimento. A terceira he, que a-
uemos de restaurar esta perda com supre-
ma applicação.

A primeira cousa que se infere da verdade, que temos no nosso Evangelho he, que auemos de julgar esta desordem, que se cometeo contra o diuino Sacramento por sua prema maldade, porque se cometeo immediatamente contra o proprio Senhor que adoramos.

O Sacramento da Eucharistia he hũa cousa tão sancta, & tão aleuantada, que em certa maneira chega a communicar sanctidade, & a cõunicar grandeza as proprias mãos diuinas. As mãos de Christo Senhor nosso sempre se podem chamar mãos sanctas, & mãos honradas, porque ellas são as que fizeram o mundo por omnipotencia, ellas são as que remedarão o mundo por misericordia, ellas são as que espantão o mundo por justica, & ellas são as que enriquecem o mundo por liberalidade, assim o testimunhou a alma sancta, quando disse, *Manus eius tornatiles aurea plena hiacinthis.* porrem nos se fizermos diligencia auemos de achar, que só no acto em que instituirão este diuino Sacramento, se chamão as mãos de Christo, mãos sanctas, & mãos honradas assim o declara a Igreja Catholica, quando diz, *Qui pridie quam pateretur accepit panem in*
sanctis

Cantic. 5. n. 14.

*Ecclesia in Canone
Missæ.*

sanctas, ac venerabiles manus suas, se considerar mos as cousas pella primeira apparencia auemos de achar, que o passo em que mais conuinha chamaremse as mãos de Christo sanctas, era o passo em que estauão encra uadas na cruz, porque naquelle passo esta uão manando o sangue com que se sanctifi caua o mundo, se considerarmos as cousas pella primeira representação, auemos de a char, que o passo em que mais cõuinha cha maremse as mãos de Christo, mãos honra das, era o passo em que sobia ao Ceo no dia de sua gloriosa ascensãõ, porque neste dia decião os anjos a lhas beijarem por re uerencia, pois que rezão teue Christo Se nhor nosso, pera ordenar q̃ sô no passo em que instituiria este diuino Sacramêto da Eu charistia, se chamassẽ suas mãos sanctas, & honradas. A razão foi, porque este diui no Sacramento he tão sancto, & tão alevã tado, que o mesmo foi tomalo Christo em as mãos, que consagralas por hum nouo ge nero de sanctidade, & que authorizalas por hum nouo generõ de respeito.

Com isto ser assim, basta o acto com que hum sacerdote toca a hostia consagrada in dignamente pera este diuino Sacramento

ficar em certa maneira prophanado, & em
certa maneira abatido muy authorizado
vay hum sacerdote quando chega ao altar,
porque no interior vay tão soberano, que
atê o proprio Ceo lhe guarda obediencia.
E no exterior vay tão ornado, que atê os
Principes, & Monarchas do mûdo lhe guar
dão reuerencia, porem o propheta Mala-
chias diz, que o mesmo he consagrar, & to-
car a hostia estando em peccado mortal, q̃
tirarlhe a sanctidade, & que tirarlhe a gran
deza, neste sentido auemos de tomar a quel
las palauras: *Offertis super altare meum panem
pollutum*, porque ainda que foraõ ditas dos
Sacerdotes que na ley velha offerenciaõ o
pão da proposição, tambem se deuem
de estêder aos Sacerdotes da ley noua, que
offerecem o pão diuino, pella correspon
dencia da figura, a hostia consagrada, nun
qua perde, nem a sanctidade, nem a grande
za, porque Christo està atado as especies, em
quanto permanecem sem corrupção, pois
que rezaõ teue o propheta Malachias pera
fazer este encarecimento: A razão foi, diz a
grosa Ordinaria, porque o peccado com q̃
trata hũa hostia consagrada indignamente
he tão grande, que chega em certa maneira
a fazer

*Malachia 1. nu. 7.
Glosa ordi. ex Hieron.
ad hunc locũ
Malachia.*

a fazer sombra a propria eminencia diuina nesta correspondencia parece que fallou o glorioso saõ Paulo, conforme a exposiçãõ de algũs doutores modernos, quãdo disse: *Quanto magis putatis deteriora mereri supplicia qui filium Dei conculcauerit, & sanguinem testamenti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, & Spiritui gratie contumeliam fecerit.* Se isto assim he, manifestamente se infere, que não pode auer maior desordem que aquella, que comete hum peccador, em tratar injuriosamente este diuino Sacramento, porque o sacerdote que trata indignamente este diuino Sacramento, offende a Magestade diuina por adoraçãõ, & o peccador que trata injuriosamente este diuino Sacramento, offende a Magestade diuina por manifesta violencia.

Hũa particularidade mostra euidentemente ao olho a deformidade desta violencia, & he a grande reuerencia com que os anjos do Ceo assistem a este diuino Sacramento. Ordenando Salamaõ o templo de Ierusalem, pos no meo do Sancta sanctorũ a Arca do testamento entre dous cherubins que sustentauãõ a tauoa do propitiatorio, em que Deos fallaua sobre o sitio destes

Pau. Heb. 10. n. 29

2. Para' 2. cap. 30.

num. 13.

dous Cherubins ha muy grande controuer-
fia entre os doutores Sagrados, porem to-
dos elles concertaõ em dizer, que os cheru-
bins desuiuaõ os olhos da Arca: *Ipsi stabant
rectis pedibus, & facies eorum, erant versa ad ex-
teriores domum.* A boa conueniencia estaua
pedindo que os os dous Cherubins estives-
sem com os olhos fixos na arca, porque des-
ta maneira mostraõ o amor com que af-
sistiaõ, & a vigilancia com que a emparauãõ
pois que rezaõ teue Salamão pera por os
cherubins com os olhos desuiados da arca,
a rezaõ foi, porque a arca do testamento e-
ra hum sacrario, em que estaua o manâ, fi-
gura deste diuino Sacramento, & com esta
inuenção ficaua declarando que atè os pro-
prios anjos que lhe assistiaõ por affeição
desuiuaõ os olhos por respeito.

*Lege Riberam l. 2
de templo c. 6.*

*Chrystoso. to. 1. in
sap. 5. Isaia ad illa
verba, Vidi Dñm
hamil. in laudem
eorũ qui apparue-
runt in Ecclesia.
Chrysol. to. 5. hom
6. ad pop. Antioch
Angeli videntes
horrescunt, neque
liberè audent in-
uerti.*

Isto que na ley velha se representaua
em figura vemos executado na ley noua
por effeito. Tratando o glorioso saõ Ioão
Chrystomo, do modo com que Christo
Senhor nosso está no sacramento da Eucha-
ristia, diz, que não lia nem sacrario, nem cu-
stodia, que não esteja rodeada de milhares
de anjos, q̄ em certa maneira se desterraõ
com Christo do Ceo, por lhe fazerem cor-

te na terra: porem passando adiante ajunta, que nunca os anjos se mostrarão em figura humana, senão postrados de joelhos com os olhos no chão, os anjos no ceo, não tem confiança pera porem os olhos na essencia diuina? Si tem, porque Christo Senhor nosso, o authorizou com dizer: *Angeli corum semper vident faciem patris mei qui in caelis est*: os anjos no Ceo não tem confiança pera poré os olhos em Christo, si tem, porque muitos doutores lhe applicão aquellas palauras de S. Pedro: *In quem desiderant Angeli prospicere*: pois que razão tem os anjos pera variarem este estylo, & materia. A razão he, porque a mesma grandeza que os obriga a terem no Ceo os olhos fixos em Christo, por amor os obriga a terem na terra os olhos baixos por respeito.

Se os anjos guardão este respeito a Christo Senhor nosso, posto debaixo das especies sacramentaes, manifestamente se vê a grande temeridade que cometerão aquelles, que fizeraõ a desordem que estranhámos contra este diuino sacramêto, pois sendo inferiores na natureza, & no estado se mostrarão superiores na ousadia, impossivel he auer fé, & perfeito conhecimento de

Math. 18. nu. 10.

1. Pet. 1. n. 12.

Secundū exposit. 1

reni lib. 4. ca. 67.

& lib. 2. cap. 9.

Cyrill. lib. de Incarnatione vni. c. 28

Ephrē in tract. de

armatura spiri. c. 31

Christo em homês que cometerão excessõ
desta qualidade. Muy desordenados anda
rão os Scribas, & Phariseus, que puserão a
Christo na cruz, porque não estauão, nem
certos na sciencia, nem reformados na
religião, nem inteiros na justiça, & manife-
stamente se desfaziaõ por hũa parte, em
ambiçãõ, & por outra parte em cobiça, co-
mo consta do Euangelho, porem S. Paulo
assentou, q̄ nunca poderião pór a Christo
na cruz, se conhecessẽ sua diuindade: *Si
cognouissent nunquam Domini gloriam cruci-
fixissent.* E atè Christo Senhor nosso lhe
deu esta escusa na cruz: *Pater ignosce illis,
non enim sciunt quod faciunt.* a vontade hu-
mana he tão liure, que chega a peccar a o-
lhos vistos todas as vezes que o appetite a
poem fora de tudo aquillo que he justiça,
& fora de tudo, aquillo que he rezaõ, pois
que rezaõ teue o glorioso saõ Paulo, pera
assentar q̄ nunca os Scribas, & Phariseus
poderião pór a Christo na cruz, se conheces-
sem sua diuindade? A rezaõ he, porque o
pór hum homem as mãõs em seu proprio
Deos, que o criou por misericordia, & que
o pode anihilar por justiça, he hum excessõ
tão extraordinario, que nunca a vontade
humana

*Cardin. Baron. in
apparatu ad annal
Ecclesiast.*

1. Corint. 2. n. 8.

Pet. act. 3. v. 17.

*Tertull. l. 3. in Mar-
cionem cap. 6.*

D. Tho. in 1. epist.

ad Corint. c. 2 lect

2. & 3. par. q. 47.

art. 59

humana pode chegar a estos excessos de odio, em quanto o entendimento não está escurecido por ignorancia, o mesmo discurso que leuou o glorioso saõ Paulo, fallando daquelles que crucificaraõ a Christo, podemos, & deuemos nos de leuar nestes desatinados, que afrontaraõ a Christo no Sacramento da Eucharistia, porque nõqua a vontade podia chegar a estes effeitos de rayua sem o entendimento estar escurecido por dureza.

*Chrysof. tomo 5.
homil. 60. ad pop.
Antiochenum.*

Parte I I.

A segunda cousa que se infire da verdade, que temos no nosso Euangelho he, que auemos de tomar esta desgraça, que se cometeo contra o diuino Sacramento, com supremo sentimento, porque vemos a nosso proprio Deos, & a nosso proprio Redemptor offendido.

Muy desgraciado foy el Rey Saul em seu gouerno, porque ainda que no principio de seu reinado deu mostras de prudencia de religiaõ, & de valor, os excessos que depois cometeo, o fizeraõ reprovado de Deos, & auorrecido dos homés, poré o mesmo foi ouuirem os moradores de Iabes Galad, que os Philisteus tinhaõ seu corpo

*1. Reg. cap. 31. m. 13.
mero 13.*

morto pendurado por afronta nos muros da cidade de Betzan, que ficarem sete dias sem comer: *leinnauerunt septem dies.* & entram em tão grande colera, que puferaõ sua vida em perigo por libertarem o corpo de afronta. Bem puderaõ os moradores de Palestina passar com dissimulaçaõ neste caso porq̃ por derradeiro Saul os tinha opprimidos có injustiças, & justiça, he ser desprezado na morte, que não for comedido na vida, poisq̃ rezaõ tiueraõ os moradores de Iabes Galad, perafazerem esta demonstraçaõ? A rezaõ foi, porque se lembraraõ, q̃ Saul tinha sido seu rey, & seu seõnor, & feitas boas contas, acharaõ que elles proprios eraõ os que ficauaõ afrontados em suas afrontas, se o primor politico chegã a estas ventagẽs, o primor Christaõ ha de chegar a outros muito mayores, quando vè afrontado a hũ Deos, & a hũ Senhor, que fez os homẽs por sua misericordia, & que os resgatou com seu sangue.

Este sentimento he hũa das cousas que Deos mais estima, naquelles que o seruem pouco ayrosos ficaraõ os Apostolos no tempo da paixãõ de Christo, porque o desempararaõ: *Tunc omnes relicto eo fugerent.* & a guarda

uardia os debilitou de maneira, que nem hũa pequena escusa lhe deixou: porem o glorioso saõ Paulino diz, que Christo Senhor nosso se deu por obrigado aos con- *Paulinus epist 4. ad Severum.*
 feruar em sua dignidade, & os fazer participantes das alegrias de sua resurreiçãõ, se medirmos este caso pellos estilos de justiça ordinaria, & pellos principios do bom gouerno. parece que Christo Senhor nosso estaua obrigado a despedir os Apostolos, & escolher outros homẽs mais seguros, & mais primorosos, pera ficarem por capitaes, & por cabeças da Igreja Catholica, por que gente que perdeo hũa vez o brio, de ordinario não fica habilitada pera empresas gloriosas, pois que rezaõ teue o glorioso saõ Paulino, pera dizer que Christo Senhor nosso se deu por obrigado a conseruar os Apostolos em sua dignidade, & aos fazer participantes das alegrias de sua resurreiçãõ? A rezãõ foy, porque os Apostolos ainda que o desempararaõ em seus trabalhos por assistência, sempre o acompanhãõ, & seguirãõ por sentimento, & Christo fez tanto caso desta pena, & desta tristeza, que a essa conta dispensou na couardia, pera os não excluir de seu contentamento, se
 esta

ta doutrina he verdadeira, nos peccadores
somos diãte de Christo, que reconhece nos-
sas faltas, mas o sentimento desta afrõta sua
nos pode seruir de remedio em nossas mi-
serias, porque nos pode grangear perdaõ
pera o passado, & esperanças de bens fu-
tuuros.

Porem aduirtamos, que acompanhando os Apostolos no sentimento, não os imitamos nas duuidas, que tiueraõ no tempo em que viraõ a Christo maltratado, porque Christo Señor nosso logo na hora em que instituiu este diuino Sacramento declarou que se punha nelle pera padecer afrontas, da maneira, que fosse possiuel no estado em que ficaua, se discorrermos bé nos mysterios de nossa Redempção com Tertulliano, & com saõ Cypriano, auemos de achar que o proprio dia, & que a propria hora em que Christo Senhor nosso auia de instituir o Sacramento da Eucharistia, era aquelle dia, & aquella hora em que sobia ao Ceo, porque como instituiu o Sacramento da Eucharistia, pera suprir sua ausencia, a boa conueniencia pedia que o instituísse no dia, & hora em que se ausentaua, porem os Euan-
gelistas todos concertaõ em dizer, que Christo

*Tertull. lib. 5. ad-
uersus Marcionem
Cyprian. in tracl.
de mensa Domini
consumantis om-
nia Saeramenta &c*

sto Senhor nosso instituiu este diuino Sacramento na noite em q̄ se entregaua a tantas afrontas, a tantos tormentos, & a tantas mortes, quantas foraõ as que lhe derão os Iudeus, por onde o glorioso saõ Paulo concluiu dizendo: *Ego enim accepi à Domino quod & tradidi vobis, quia Dominus Iesus in qua nocte tradebatur accipiens panem, & gratias agens dixit accipite, & manducate, hoc est enim corpus meum.* que rezaõ teue Christo Senhor nosso pera seguir esta ordem? A rezaõ foy diz sancto Agustinho, porque com este artificio quis mostrar que entraua na instituição deste diuino Sacramento, com aquelle proprio animo com que entraua em sua paixão, & que se mudaua o estado, que senão isentaua do sofrimento.

Paul. I. ad Corint. cap. 11. num. 24.

August. in psal. 33. conc. 1 tom. 8.

Chrysost. hom. 83. in c. 26. Mat. 16. 2.

Hũa só cousa nos pode dar cuidado, & he, não sabermos em que lugar está nosso Deos, porque este pensamento tem lugar nos mais fieis peitos, que se podé achar na terra, porem bemnos podemos aliuiar cõ assentar, que não ha lugar tão baixo em que perigue sua gloria, se formos ao principio da Escritura sagrada, auemos de achar que o primeiro throno em que Deos se assentou por particular assistência neste mundo

mundo sensivel, foi hum corpo feito de to-
 dos os elementos confusos sem ordem, &
 sem ornato, nesta correspondencia tomão
 o glorioso saõ Basilio, & o glorioso sancto
 Ambrosio aquellas palauras do Genesis: *Spi-
 ritus Domini ferebatur super aquas.* porque por
 nome de agoa tomão não somente a agoa
 elemental, senão toda aquella congerie de
 cousas a que os philosophos antigos cha-
 maõ Chaos. A primeira conueniencia pe-
 dia, que Deos assétasse o throno de sua pri-
 meira assistência, no mais fermoso corpo q̃
 se pudesse formar na natureza correspon-
 dente a magestade, & a fermosura diuina,
 pois que rezaõ teue Deos pera assentar o
 throno de sua primeira assistência, em hum
 corpo confuso, & desordenado? A rezaõ
 foi, porque desta maneira ficou mostrando
 que sua magestade, & que sua authoridade
 não pendiaõ de lugar em que elle residia,
 senão da propria grandezã com que mon-
 taua.

Nesta conformidade se ouue Christo no
 tempo da ley da graça, se correremos com
 deuação os passos que Christo andou neste
 mundo, & os passos porque Christo entrou
 no outro, auemos de achar, que o primeiro
 lugar

*Basil. lib. i. Hexam
 cap. 7.*

Ambros. homil. 2.

Hexameron.

*August. libr. 1. d.
 gener. ad liser. c. 5.*

Trimeg. in Pimãd

Plato in Timor.

*Pau. Burg. in addit
 ad Lyrã. Gene. c. 5.*

lugar em que Christo descobrio sua diuindade, pera communicar sua gloria aos homês, & os fazer bemaumenturados foi o proprio inferno, horrido, & tenebroso, não na parte inferior, porque nesta ficaõ os homês incapazes de bemaumenturança, mas na parte superior do limbo, em q̄ estauaõ os sanctos Padres, & em certa maneira podemos chamar inferno de cima, & cadea de cima, *Descendit ad inferos*, se consultarmos nossos proprios entendimentos, aõ nos de dizer, que a boa ordem pedia, que Christo escolhesse hũa sala real muy bem ornada, ou hum lugar muy fresco, em que fizesse esta manifestação de sua gloria, pois que rezaõ reue Christo Senhor nosso pera escolher esta cauerna de sairosa, & tenebroza? A rezaõ foy diz Caietano, porque desta manei-
Caietanus ad cit.
locum D.Thom.a.
 ra ficaua mostrando, que sua gloria não pẽ dia da qualidade de lugar, & que do proprio inferno podia fazer parayso: discorre do por estes principios, bem podemos concluir, que aonde quer que estiuer o nosso Christo, estã sem prejuizo de sua grandeza.

Parte III.

A terceira cousa que se infere da verdade
 que

que temos no nosso Euangelho he, que auemos de restaurar esta perda, que padecemos em nos faltar o diuino Sacramento cõ suprema applicação, porq̃ o proprio Deos ofendido não demanda menos em satisfação.

Se discorrermos pella vida de Christo Senhor nosso com facilidade auemos de alcançar, q̃ nunca ouue passo em que Christo Senhor nosso se abatesse por humildade, sem o Padre eterno acudir com algũa particular honra em satisfação, quando Christo naceo em hum presepe, em summo desamparo, o Padre eterno acudio, mandando os anjos todos do Ceo, que o fossem adorar, assim o testemunhou o glorioso S. Paulo, quando disse: *Et cum introduceret primogenitum in orbem terra, dixit, & adorent eum omnes angeli Dei.* Quando Christo chegou ao baptismo em habito de peccador, no mais alto ponto de humiliação, a que podia chegar, o Padre eterno acudio, mandando aos ceos que se abrissem, & largando hũa poderosa voz, em que o declaraua por filho seu igual com elle em sua gloria, & magestade, assim o testemunhou o Euangelista S. Matheus, quando disse: *Aperti sunt cali, & ecce*

*D. Paulus ad Heb.
1. num. 6.*

Mat. 3. n. 26 & 27

vox

vox de caelo dicens: hic est filius meus dilectus, in Mat. 3. n. 16 & 17;
 quo mihi complacui. Quando Christo se pôs
 na cruz com tanto aperto, que até o Padre
 eterno, parece que se retiraua: *Deus Deus*
meus, ut quid dereliquisti me. O Padre eterno *Math. 27. n. 46.*
 acudio, mandando ao sol que se escureces-
 se, & aos elementos, que se perturbassem,
 em testemunho de sua innocencia, & em
 manifestação de sua diuindade, assim o te-
 stimunhou o Euangelista saõ Lucas, quan-
 do disse: *Et tenebrae factae sunt super vniuersam*
terram, usque ad horam nonam. Que rezaõ teue *Luc. . 23. n. 44.*
 o Padre eterno pera seguir este estylo, a re-
 zaõ foi, porque feitas bem as contas, achou
 que era afronta sua não acudir com noua
 honra aquelle que se afrontaua por seu ser-
 uiço, toda a rezaõ pede, que nos conforme-
 mos com o Padre eterno nesta parte, por-
 que Christo Senhor nosso seruiu ao Padre
 eterno em seruiço, & vtilidade nossa, & se
 o Padre eterno se deu por obrigado a acu-
 dir com noua honra a Christo, que se afron-
 taua por seu seruiço, a rigorosa justiça de-
 manda, que acudamos com noua honra, &
 com auentejada honra a Christo, que se
 deixa afrontar por nosso remedio, & parti-
 cularmente neste caso, pois por nos conso-
 solar

solar com sua presença, se aventurou a temeridade de doudos, & a timeridade de infieis.

Estima Christo tanto este nosso reconhecimêto, que a elle tomou por hũa das principaes partes do premio, & satisfação do muito que padeceo por nós, & do muito q̄ padece por nós, descreuendo o glorioso S. Paulo as muitas afrontas, os muitos tormêtos, que Christo soffreo por nosso remedio, diz, que tudo isto leuou Christo com muito animo, & com muita alegria, leuando o olho em hum muy grande gosto, que espreuaua por premio, & por satisfação, nesta correspondencia se haõ de tomar aquellas palavras: *Qui proposito sibi quando sustinuit crucem confusione contenta.* A primeira cousa q̄ dita a curiosidade humana, he buscar, & perguntar, que gosto foy este em que Christo Senhor nosso leuaua o olho no tempo de sua sagrada paixão, bem sei que nesta materia ha muitas opiniões, & muitos discursos: porem Theodoreto, conforme ao sentido que lhe dão muitos doutores modernos, diz, que este gosto foy o que Christo Senhor nosso auia de ter em se ver adorado, reuerenciado por Deos, & por Senhor

em

Paul. ad Heb. 12.
num. 2.

Bibera super epist.
ad Heb. c. 12.

em tantos templos, em tantos altares, & em tantas custodias, quantas tem a igreja Catholica, com tantas festas, com tantas ceremonias, & com tantos gastos quantos são, quantos se fazem na Christandade; se Christo Senhor nosso se deu por bem pago, & por bem satisfeito com esta satisfação, naquillo q̄ padeceo por nos, bem podemos dizer, que tambem se darà por bem pago, & por bem satisfeito, com estas nossas celebridades, & cõ estas nossas festas na injuria que se lhe fez, pois restauramos a quebra naquillo que mais estima.

Nesta parte cuido que tem a cidade de Lisboa feito aquillo que se podia desejar, porque nestas demonstrações de piedade, & religião, tem chegado a tudo aquillo, & a muito mais do que a estreiteza do tempo podia sobir, & ainda que estas desgraças costumão a ser pronosticos de males, bem podemos esperar auentejadas merces, porque Deos mais ha de deferir ao seruiço de muitos, que ao desatino de poucos. Hũa cousa me podeis perguntar, & he, se ainda tendes obrigação de procurar, & sollicitar o castigo dos homês perdidos, que cometerão este excesso, & se mo perguntardes, digo q̄
 fim,

Glosa ordi. Num.
25. ex August. 9.
52. in exposi. mo-
rali.

Numer. 25. nu 13.

Orig. homil. 20. in-
lib. numerorum.

4. Reg. 9. n. 7.

sim, porque o castigo em desordés desta
qualidade, he o que acaba de perfeiçoar a
religião. Querendo Deos escolher a Phine
es pera Sacerdote, inspiroulhe que tomaf-
se a espada na mão por zelo, & que com hũ
punhal atrauessasse os delinquentes, que es-
tauão offendendo a Deos com escandalo
de todo o pouo: *Erit tam ipsi quam semini e-
ius pactum Sacerdotij sempiternum, quia zelatus
est pro Deo suo.* se Deos queria escolher a Phi-
nees para sacerdote, parece que o deuia de
examinar, & adestrar nas ceremonias sacer-
dotaes, no dobrar dos joelhos, & no me-
near o thuribulo, & não em matar homês,
pois que rezaõ teue Deos pera levar a Phi-
nees por este caminho? A rezaõ foy, porq̃
a justiça em peccadores escandalosos, cae
tão dereitamente em seruiço de Deos, que
não somente se reputa por execução de ju-
sticia, mas por effeito de religião.

Porem aduirtamos, que o zelo do casti-
go cõtra estes delinquentes, sempre tem lu-
gar, mas que a execução, & o effeito não ha
de soceder, senão despois delles conuenci-
dos, & declarados, mandou Deos ao Capi-
tão Gēhu, que destruisse a casa de Achab,
pellas grandes idolatrias, & pellas grandes
exor-

exorbitancias que nella auia: *Vnxi te regem
super populum Domini Israel, & percussies domum
Achab.* Exequitou Iehu esta ordem de Deos
com tanto rigor, & com tanta seueridade,
que chegou Deos a se dar por muy satisfei-
to, & a lhe prometer premio temporal na
continuaçãõ do Reino pera seus filhos atè
a quarta geraçãõ: *Quia studisse egisti quod rec-
tum erat, & placebat in oculis meis, & omnia quæ
erant in corde meo fecisti contra domum Achab,
filijs tui vsque ad quartam generationem sedebunt
super thronum Israel.* com isto ser assim, Deos
fallando pello Propheta Oseas diz que auia
de castigar muy bem a casa de Iehu por es-
ta matança que tinha feito: *Visitabo sangui-
nem Iezabel super domum Iehu.* Se Iehu fez o q
Deos lhe mandou, & Deos lhe approuou o
que tinha feito, que rezaõ teue Deos pera
despois mandar castigar sua casa, algũs dou-
tores bem graues dizem, que a rezaõ foy,
porque Iehu fez toda aquella destruiçãõ,
nãõ por satisfazer a justiça, mas por satisfa-
zer a seu odio, & ainda que lhe deu satisfa-
çãõ pella substancia da obra, nãõ quis dissi-
mular com a desordem, que auia na inten-
çãõ, nãõ nego que esta ponderaçãõ té muy
bom fundamento, porem muito melhor
me

*Oseas c. 1. n. 4. Do
Etiores aliqui apud
Riberam ad citat.
Osea locum.*

4. Reg. 9. n. 27. &
cap. 10. n. 13.

me parece a opiniaõ daquelles que dizẽ , q̃
a verdadeira rezaõ foy, porque Iehu fez a
exequção da justiça que lhe Deos mandava
exequitar sem ordem, & sem distincão de
culpados, & mais culpados até matar a O-
chofias Rey de Iuda, & seus irmãos, por irẽ
visitar os descendentes de Achab, como a-
ponta o sagrado Texto, & não falta aue-
jado fundamento a esta consideração, por-
que Deos não manda fazer cousas a carga
ferrada, & o mesmo he faltar nos termos
da prudencia, que desbaratar a justificação
da justiça, & se isto assim he, o proprio Deos
quer que temperemos o zelo, & que não fa-
çamos por impeto, o que se ha de fazer por
governo.

E em quanto se não chegaõ a descobrir
os delinquentes, de maneira, que o castigo
fique acertado conformemonos com Deos
por que se elle passa com longanimidad, a
rezaõ pede, que também nos passemos com
paciencia. & só auemos de empregar o zelo
de vingança em nossas proprias pessoas ti-
rando por arrependimento, & penitencia
perfeita, a vida aos vicios, porq̃ nossos pec-
cados foraõ os primeiros authores deste
desconcerto, vendo Deos os grandes desa-
foros

foros com que se prophanaua o pouo de Israel, permitio que a Arca do Testamento fosse tomada, & catiua pellos Philisteus, bẽ puda Deos castigar o pouo de Israel com castigos de diferente qualidade, & que ficassem bem a proposito, porque ao menos fomes, & pestes vniuersaes apertaõ hũa republica de maneira, que não tem, nem commodidade, nem refrigerio, pois que rezaõ teue Deos pera escolher este castigo, a rezaõ foi, porque o pouo de Israel não acabaua de acudir a outros, & crescendo os peccados teue Deos por importante afronta-talo em materia de religiaõ, & por vltimo castigo tirarlhe por pena aquillo dõde lhe costumaua vir o remedio. Parece-me que estamos nos mesmos termos, porque depois de tantos açoutes com que este misera uel Reyno foi opprimido sem se melhorar nos costumes, permitio Deos que acontecesse esta desgraça, & que ouuesse entre nos homem taõ defatinado, que afrontando a elle, nos afrontasse a nos, & tocasse na fonte donde nos vem o remedio em nossos males.

§.

Com isto remato o sermaõ, pedindo a
nosso

nosso Senhor, que tire de toda esta desgraça muitos bês, pois costuma sua infinita misericordia tomar males por principios, & instrumentos de auentejadas merces, &c.

M

Com isto temato o sermão, pedindo a
nossa